

HISTÓRIA DE VIDA Nº 05 – MAURI

Meu nome é Mauri, nasci na cidade de Serrolândia. De Serrolândia, vim pra qui, Fazenda Sítio do Meio, e até hoje vivo aqui com meus pais, meu irmão. Sou filho de Manuel Agemiro e Alaide. Meus pais sempre trabalhou na roça. Meu pai e minha mãe nasceu e cresceu na roça. E passou isso pra nós, como um costume, um hábito. Eu mesmo gosto muito do trabalho da roça, que foi algo que é da tradição dos meus pais, e é o que eu sei fazer. Eu sempre obedeci os ensinamentos dos meus pais.

E minha infância é como falei lá no colégio: não foi muito boa não; nós era humilde. Minha mãe saía pra cortar licuri, e meu irmão ficava me olhando. Quando eu chorava, ele enfiava farinha com rapadura. Ele empurrava farinha com rapadura para encher minha barriga. Quando mãe chegava, só me achava chorando. Esta história da farinha com rapadura marcou bem minha infância; é por isso que eu gosto de rapadura até hoje. Eu, se sentar na mesa e não tiver farinha, eu não como. Minha infância não aproveitei quase nada, não. Não trabalhava não, só ia cortar licuri com seis anos, mais ou menos. Eu ia cortar licuri mais minha mãe: ia muntado ne um jegue, ela ia cortando licuri, e eu ia chupando dendê pra passar a fome... a gente cortava licuri o dia todo. Eu, quando era pequeno, botava água de jegue, até hoje eu boto; lutava com o gado também mais pai, toda a vida eu gostei de lutar com o gado, prendia, tirava leite, batia remédio nos carrapatos, essas coisa. A gente prendia o gado três horas da tarde pra tirar o leite seis da manhã. E também plantava, pegava na enxada, plantava milho, feijão, mandioca, até hoje a gente planta mandioca. Tudo eu aprendi quando eu era pequeno. Eu só vim brincar depois dos cinco anos que eu comecei a brincar de bola, esconder, chicotinho queimou, caçava passarinho, aqui na frente era tudo mato ainda, corria um bando de passarinho, brigava muito também. Tinha um menino do Pé do Morro que era meu parceiro de briga... era todo dia. Não saía também; quando saía, era no Pé do Morro e voltava, só de vez em quando, ia na feira. Ia na feira montado, eu me lembro que já fui até dentro dos caçua, ia com meu pai e minha mãe montado de jegue, cavalo, carroça e tinha vez que eu ia de caçua. A gente aqui na roça vive sempre no roçado, no pasto, em casa, na feira lá na rua, na igreja, na comunidade, nas reuniões de sindicato, na escola. Esses é os lugares da gente aqui, agora a maior parte do tempo é na terra mesmo.

Eu comecei a estudar de jegue, saía da roça e ia pra escola, eu ia muntando a jegue, de pé, de bicicleta; não era longe não, daqui lá eu ia aqui por dentro, era um quilômetro e pouco, eu

estudava de manhã e ajudava pai de tarde na roça. Eu tinha seis anos de idade e estudava com o professor Adenilson, o apelido dele era Jesus. Eu estranhei a escola no começo, eu não tava acostumado; aí eu chegava lá e ficava pensando na hora de ir embora pra casa. Estudei a 3ª série, estudei um ano em Várzea do Poço e depois tornei voltar pro Pé do Morro. A alfabetização era misturada: ele misturava os assunto tudo, não tinha assunto separado não, era tudo misturado. Ele ensinava a gente com... tinha um livrinho com as letra bem grande e ensinava a gente ler, fazer o nome. Quem soubesse fazer o nome e as letra do ABC já tava bom, lá tinha recreio, brincadeira... Eu fiz a 1ª, a 2ª no Pé do Morro, aqui na roça mesmo, estudei a 3ª em Várzea do Poço e voltei pra 4ª no Pé do Morro.

A 4ª eu fui pro Serrote: aí estudei a 5ª lá no Serrote, um ano no Serrote e voltei pra escola agrícola de Jabuticaba. A primeira vez que fui estudar na cidade, em Várzea do Poço, não tive dificuldade não, tinha um bando de colega meu também daqui. Quando eu fui pra Várzea do Poço, eu ia pro Pé do Morro de pé e lá pegava o carro e ia pra Várzea do Poço com os menino. Lá não achei a escola diferente não, a única coisa é que lá tinha diferente é que aqui era um professor só e lá já era que nem colégio, cada matéria tinha um professor, era uma escola de Letinha, mulher de Terêncio, era escola do município. Aí, de Várzea do Poço, eu fui pra Serrolândia estudar a 4ª, de tarde; eu ia caminhando até a estrada ((200 metros)), e o carro pegava a gente. Os meninos do Serrote era danado pra fazer crítica com a gente que é da roça: chamava de bestalhado da roça, não sei o quê... não sabia fazer nada, porque era da roça. Na 5ª série, eu fui pra Jabuticaba estudar na escola agrícola e passei o ano todo. A experiência foi boa: aprendi muita coisa com agricultura... lá tinha muita diferença; tinha um bando de matérias diferentes ligada à zootecnia, só de animais, essas coisa... por isso, que eu fui pra lá. Ia de carro pra lá, o carro de Várzea do Poço pegava a gente aqui e levava pra lá, carro da prefeitura. Na Escola agrícola, a gente dorme. Ia passava quinze dias na escola e quinze dias em casa, dormia lá, almoçava lá... tudo por conta de lá. De manhã, a gente levantava e fazia uma tarefa prática até sete horas; sete horas, a gente ia pra o refeitório tomava café; sete e meia ia pra capela rezar; sete e quarenta e cinco, a gente voltava pra sala de aula até dez e quinze. Dez e quinze, a gente ia lanchar e voltava pra sala de aula até doze. Doze horas ia almoçar e descansava até uma e meia e tornava voltar pra sala de aula. Três horas saía pra merendar e depois voltava pra tarefa prática de novo e ficava lá até cinco. Aí cinco a gente ia brincar bola no campo. Seis, a gente tomava banho. Às sete da noite, a gente ia tomar café aí depois, tinha dia que tinha aula de noite, tinha dia que era livre. Na escola agrícola, a gente se sente em casa, tudo que a gente tem... seu próprio quarto; fica quinze dias lá e quinze em casa

fazendo o que a gente aprendeu; a gente faz na roça, coloca assim na prática. A atividade prática era só trabalhar com animais, na roça, trabalhar com plantação; eu aprendi lá a fazer adubo pra botar nos canteiros. A gente fazia de hortaliça, a gente fazia os canteiros e plantava verdura. Aí eu tive que sair de lá porque pai disse que era pra eu sair que tava novo demais; eu tinha treze anos, mas minha vontade era de ficar lá, porque lá era coisa pra mim que trabalho na roça; eu aprendo coisas que eu preciso pra continuar na roça. Eu estudava lá com vontade, era aprender pra usar mesmo na terra e, lá no colégio ((em Serrolândia)), é diferente, não tem nada a ver com a roça. Aí de lá, eu voltei pra Serrolândia pra estudar no Colégio Estadual e até hoje eu tô lá.

Estudei a 5ª aí depois, porque eu vim da 5ª de lá, porque o estudo de lá pra o de cá não conta, sabe? Aí eu estudei a 5ª; eu passei de ano, aí eu disse eu vou estudar é aceleração – EJA. Aí tornei fazer 5ª e 6ª, 7ª e 8ª e agora eu tô fazendo 1º e 2º. Só tinha as pirracinhas de colega, mas tinha colega meu... eu já cheguei acostumado, tinha um menino que era colega meu, aí tinha uns lá que chamava a gente de bobão da roça, mas a gente acostumava; não dizia nada. Hoje tá bom: me sinto em casa no colégio, eu tô bem no colégio. Graças a Deus, no ano passado não fiz recuperação, passei direto. Eu já perdi um ano, na terceira série. E hoje a gente vem de carro, o carro vem buscar aqui.

A diferença da escola da roça pra da cidade é porque lá tem bastante gente, e, na roça pouquinha, e no professor também, porque é só um na roça e lá cada matéria tem um professor, e o que ensina tem diferença porque aqui eu estudei até a 3ª e lá tem a 5ª é mais evoluído, né? Estudo mais alto. Pra mim, hoje, a escola só se valer mais uma coisinha pra frente, porque eu tô trabalhano na roça ainda. Eu quero me formar, porque a formação da gente vale alguma coisa, né? É sempre bom ter um diploma, ter leitura, pros outros não passar a perna na gente, mas pro trabalho da roça mesmo não vai adiantar muita coisa não. Acho que a formatura ajuda se arrumar um emprego fora; com a formatura é melhor, mas na roça não ajuda não. Eu quero depois continuar só aqui na roça mesmo, comprar minha terrinha, com fé em Deus e continuar a trabalhar. Meus planos pro futuro é ser dono de minha propriedade própria e ser um pequeno agricultor, não tenho vontade de sair da roça não. Fazer igual ao que meu pai fez. Acho que a formatura ajuda se arrumar um emprego fora; com a formatura é melhor, mas na roça não ajuda não.

Eu saí pra estudar na cidade porque não tinha 5ª série na roça e tinha que ir pra cidade, senão eu continuava estudando aqui, sair por falta de opção mesmo, até porque o pessoal da cidade quer ser mais do que o da roça, lá. Quando eu cheguei no Colégio Estadual, em Serrolândia, eu era envergonhado; agora hoje é normal. Eu mudei com a escola; antes na escola, eu era meio valente, era brigão; hoje eu não sou mais assim não e, quando eu era pequeno, era valente na escola e pra ler, escrever, falar um pouco, essas coisa... O que a gente aprende na escola é importante pra ter sabedoria, no estudo, é bom a gente ler, escrever. E lá não ensinam nada sobre a roça nem falam sobre a vida na roça em nenhuma disciplina. O que a gente aprende lá no Colégio Estadual não serve pra roça, não. Pra mim, a gente aprende é na roça mesmo; na escola, a gente não aprende quase nada. Eu prefiro ser chamado de aluno da roça do que aluno da cidade.

Eu comecei a trabalhar mais meu pai: ele cavava as covas e botava eu pra semear as semente, e eu, era cinco, três eu botava dez, quinze ((risos)), pra acabar ligeiro; aí, quando nascia, ele se retava, que, quando nasce um bando, embassora e não dá. Embassarar é misturar tudo, embolar, não dá fruto, não. Tem que ser, feijão é três, milho é cinco. Eu aprendi, desde pequeno, a plantar mandioca, milho, feijão, capim. Tirar leite na roça desde nove, dez anos que eu sei. A gente levanta seis, seis e meia começa a ir pro curral tirar leite e vai levar pra estrada pra pegar, depois já começa a trabalhar na lavoura, roçano, campinano, plantano, arano terra, todo dia até quatro hora, menos sábado e domingo... sexta, sábado e domingo, esses dias dá uma aliviadazinha. Tudo que a gente faz tem uma rotina já certa, que a gente sabe o que vai fazer todo dia... os horário pra tudo, porque senão atrapalha o trabalho da roça. Tudo que a gente faz do trabalho é pra nós mesmo; aqui a gente não tem nada de ninguém, é tudo nosso. Eu não recebo dinheiro dessas coisas, não. O trabalho é pra dentro de casa mesmo: é pra o sustento da família. Eu tive também uma experiência na desnatadeira, aqui abaixo do Pé do Morro, perto de Várzea do Poço, na desnatadeira de Dejinho: eu era leiteiro, pegava a carroça e ia buscar leite aqui nos vizinho, era só de sete às dez, eu só pegava o leite e passava na máquina pra fazer a manteiga e o requeijão; agora eu só pegava o leite... só fiquei seis meses, ganhava oitenta reais por mês. Eu não gostava do emprego, era um pouco puxado. Agora hoje eu tenho uma rocinha de mandioca ali e tô fazendo outra; a gente vende a mandioca pra uma colega nossa do Pé do Morro que faz beiju. Eu gosto muito do trabalho da roça

Meu pai paga o sindicato e ele tinha uma associação, e agora ele quitô; e acho que ele tá fazeno outra, que era o PRONAFE... parece... era pra tirar dinheiro pra gente comprar gado; a outra foi pra fazer cerca. Eu não participava; era só meu pai.

Desde pequeno que eu moro aqui no Pé do morro, nesta casa. Aqui é onde a gente encontra com a família pra jogar conversa fora, ouvir uma musiquinha, um jogo no rádio, ficar à vontade... não tem o sol quente da roça pra atrapalhar. Quando eu era pequeno, eu não gostava muito de ficar em casa não; preferia sair pra roça, brincar lá fora, é mais à vontade, mas hoje ficar em casa, à tardezinha, depois que prende o gado, é um descanso, uma alegria. Aqui, no Pé do Morro, tem sempre festa de futebol: argolinha, festa de igreja na virada de ano; lá na capela da igreja Católica que a gente participa de vez em quando. Essas coisas de quebra de licuri, reis, eu nunca vi por aqui não.



Foto 05 - Mauri, na fazenda Pé do Morro, em 12/08/07.